

Artigo

A partilha do sertão: possibilidades entre as veredas de Guimarães Rosa e o pensamento de Jacques Rancière

Nilo Lima Sampaio*

Resumo

O presente artigo busca articular algumas possibilidades de diálogo entre a grande obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956), e o pensamento de Jacques Rancière, firmando-se, de forma mais específica em suas obras *A partilha do sensível: estética e política* (2009) e *O dissenso* (1996). O artigo busca associar conceitos como o de partilha do sensível, que denuncia a partilha desigual do comum, e o conceito de dissenso, que rompe com essa mesma partilha e possibilita o que Rancière compreende como política. Por sua vez, *Grande Sertão: Veredas* recebe esses conceitos a partir de alguns casos específicos dentro da obra, como as relações entre alguns personagens, certas metáforas de eventos que ocorrem na obra, bem como a própria forma como a obra é construída. A política/estética de Rancière denuncia um sistema cujo principal objetivo é manter o silêncio de certas vozes, e o lugar de invisibilidade de determinados corpos, em uma estrutura antipolítica. Demonstraremos através da obra de Guimarães Rosa como a figura do excluído é invertida, proporcionando o que Rancière conceitua como dissenso.

Palavras-chave: Sertão. Partilha do sensível. Dissenso. João Guimarães Rosa. Jacques Rancière.

The sharing of the backlands: possibilities between the paths of Guimarães Rosa and the thought of Jacques Rancière

Abstract

This article seeks to articulate some possibilities for dialogue between Guimarães Rosa's great work, *Grande Sertão: Veredas*, and the thinking of Jacques Rancière, focusing more specifically on his works *The Sharing of the Sensible: Aesthetics and Politics* (2009) and *Dissent* (1996). The idea is to associate concepts such as the sharing of the sensitive, which denounces the unequal sharing of the common, and the concept of dissent, which breaks with this same sharing and makes possible what Rancière understands as politics. In turn, *Grande Sertão: Veredas* receives these concepts from some specific cases within the work, such as the relationships between some characters, certain metaphors of events that occur in the work, and the very way in which the work is constructed. Rancière's politics/aesthetics indicates a system whose main objective is to maintain, for example, the silence of certain voices, and the place of invisibility of certain bodies, in an anti-political structure. We will demonstrate through the work of Guimarães Rosa how the figure of the excluded is inverted, providing what Rancière conceptualizes as dissent.

Keywords: Backlands. Sharing of the sensitive. Dissense. João Guimarães Rosa. Jacques Rancière.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: nilolim4@gmail.com

Buscamos desenvolver as principais nuances no que diz respeito ao conceito de partilha do sensível, de Jacques Rancière, a partir, principalmente, do texto *A partilha do sensível: estética e política* (2009), e *O Dissenso* (1996) com o intuito de demonstrar algumas das possíveis aplicações na grande obra do autor mineiro João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956). Rancière desenvolve seu pensamento aliando política à noção estética, de forma que a desloca de uma filosofia puramente do belo, que trata a maioritariamente como ciência do belo ou reduzindo-a a uma estetização. Aqui, como mencionado, temos uma aplicação estética de cunho mais político, trata-se da disputa de um comum que se baseia na distribuição dos quinhões do sensível entre os membros da comunidade.

No cerne da sociedade existe a visão democrática de igualdade, onde é possível ter a impressão de que as coisas e as pessoas estão em seu devido lugar de atividade, mas esta mesma sociedade organiza-se pautada por bases desiguais.

2

Dessa divisão desigual do sensível, como consequência, temos disputas cada vez mais arriscadas e desumanas dos excluídos, buscando à sua maneira reverter seus “ruídos” em voz. Os privilegiados, por sua vez, imperam no comum e possuem partes mais generosas do sensível fazendo a manutenção do silenciamento dos menos favorecidos:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e as partes exclusivas (Rancière, 2009, p. 11.).

A gravidade deste conceito trata mais do que é negado do que daquilo que é concedido. O modo como o comum mencionado por Rancière é dividido entre os membros da sociedade funciona mais como uma forma de delimitação, de discriminação, do que qualquer outra coisa. Quando as fatias do sensível são cortadas e distribuídas, é possível saber exatamente o que foi nos permitido, e a partir deste, o que nos foi negado. Quando se delimita o espaço de voz, na mesma medida, cria-se um espaço de silêncio, justamente pelo caráter de desigualdade presente na sociedade.

Temos então como princípio que um comum é repartido e que essa divisão tem um caráter definidor, situa aquele que recebeu seu quinhão do sensível em um cercado, e esse cercado delimita tanto o seu tipo de vida particular, quanto sua participação no comum. Presenciamos a partir do pensamento de Rancière uma partilha que tenta determinar desigualmente o lugar dos corpos, das vozes e das condições materiais que favorecem e desfavorecem. Esse pensamento remete à *República* de Platão, onde são elencadas categorias as quais os cidadãos da cidade ideal devem seguir a partir de suas aptidões. As categorias são a de artesão, guardião e governante. O artesão deve dedicar sua vida ao artesanato, pois sua alma está determinada - ou condenada - a esta atividade, de forma que não deve, e nem pode, exercer quaisquer outras atividades da *polis*, pois não é apto para tal, e o mesmo vale para cada categoria. Nesse sentido, temos que em Platão a *pólis* só conseguiria prosperar a partir de uma organização onde cada cidadão participa somente de uma determinada fatia do sensível. O conceito trata, de forma geral, do quinhão do sensível dado não somente a determinados tipos de profissão exercida pelos cidadãos, como demonstrado no diálogo *A República*, mas vai muito além.

O que rompe com essa divisão que decreta o lugar sensível de cada um na comunidade é o que Rancière também chama de *dissenso*. O ato de dissenso possui uma intenção, ou um caráter re-configurativo das proporções desiguais da partilha. Promover o dissenso é fomentar desacordo com o consenso das desigualdades estéticas e políticas do sensível e, nesse sentido, fazer acontecer verdadeiramente o que compreendemos como política.

Se temos o consenso da partilha que privilegia uns em detrimento de outros, as artes e as formas de expressão de uma maneira geral, têm o raro poder de em meio a tanto conformismo com entre as duras e as moles realidades, nos fazer enxergar tanto onde estamos amarrados quanto de nos levar a perceber melhor as estruturas nas quais nossa sociedade está construída. É a partir desta consciência que surge a mínima possibilidade de uma mistura de lugares no espaço e no debate público, de uma partilha que, por mais que a passos lentos, pode se tornar um pouco mais igualitária e justa. Dessa forma, o dissenso ruma em um sentido contrário à partilha para a qual Rancière nos alerta. Se, por um lado, está fixado que alguém só pode ter acesso

a um determinado tipo de educação, a um determinado tipo de cultura, ou condição material, ou seja, se está instaurado um caráter consensual que impede o fator político, o dissenso surge de qualquer movimento que se incline a uma quebra com o consenso da partilha do comum, ou seja, por mais que o avanço seja pequeno e aparente ser pouco significativo, qualquer ato de dissenso que ganha território na disputa do solo político e estético do mundo comum implica em um avanço.

Veremos, nesse sentido, alguns dos modos como o conceito de dissenso, bem como o de partilha do sensível, de Jacques Rancière podem ser percebidos dentro da obra *Grande Sertão: Veredas*. Perceberemos como se entende a partilha dos quinhões do sensível dentro da obra, e como o enredo da obra, em diversas vezes, faz movimentos de ruptura e mistura de lugares dos membros da comunidade a partir de alguns casos e características de personagens, como Riobaldo e Diadorim, entre outros, partindo tanto da figura mesma do excluído, quanto de sua inversão, ou refiguração dentro da obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*.

1. Do sertão e a partilha do sensível

4

Para Jacques Rancière, os conceitos de estética e política, como já mencionados na introdução, se misturam. O autor discute o que ele entende por estética não como uma discussão especificamente sobre o sensível, transformando-a em um discurso autônomo. Mas pensa a partir de uma distribuição deste sensível, em que existe o compartilhamento do comum e a partilha em partes exclusivas. Esses são dois elementos que por si só são conflitantes, a dizer, a relação entre o excluído e o excludente, que vigoram no que ele denomina como partilha do sensível. Essa noção de partilhamento diz respeito a uma divisão das partes de cada um e uma separação daquilo que eu tenho e daquilo que não me é permitido ditada pela desigualdade. Na medida em que se discrimina um espaço de atuação ou de voz também se delimita um espaço de silêncio, de uma quase inércia. Como diz Rancière, a partilha do sensível é uma delimitação “de espaços, tempos e tipos de atividades que determinam propriamente a maneira como um ‘comum’ se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha” (Rancière, 2009, p. 15).

É justamente nesse âmbito que se divide aquilo que é comum a todos em partes desiguais, de forma que há mais exclusão do que de fato uma igualdade produzida pela partilha do sensível, que reside na confluência entre estética e política.

Para Rancière, a estética seria “um sistema de formas ‘a priori’ determinando o que se dá a sentir. É um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência” (Rancière, 2009, p. 16). O que está em jogo nesse cenário estético/político de Rancière é a divisão e a possibilidade do dizível e do indizível, as linguagens que são ou ouvidas e as que são caladas. Esses modos de visibilidade, pautados no sensível, na medida em que performam no domínio público, não transportam exatamente a política para o âmbito da estética ou vice-versa, mas fazem com que ambas se misturem no sensível da comunidade. O sensível, desse modo, dizendo respeito, ao mesmo tempo, ao estético e ao político, se torna um assunto um tanto polêmico, pois remete às ocupações de modos de ser no mundo que nos é comum, tendo como ponto de partida suas próprias divisões. No mundo comum, temos uma diversidade que opera no desigual, da mesma forma que ocorre no universo de *Grande Sertão: veredas*, pois o “sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal” (Rosa, 1994, p. 19).

Vivemos em um comum onde se contrastam os silêncios, os ruídos e as falas. A partilha do sensível trata de demonstrar que o solo da desigualdade entre os quinhões do sensível se resulta em um campo político onde apenas uma parcela da comunidade possui uma voz ativa, em que o debate sobre o que se chama de comum acontece veladamente apenas pelas mãos de uma minoria cujos privilégios da travessia da vida são oferecidos por um jogo sutil, onde o tempo, as condições materiais e as posições sociais são determinadas por aqueles que possuem uma maior participação.

Em *Grande Sertão: Veredas*, determinados personagens exemplificam alguns modos de ser que apontam justamente para uma partilha desigual do sensível. Eles demonstram figurativamente algumas tensões possíveis dentro do debate político/estético do pensamento de Jacques Rancière.

Um exemplo disso é o fato de a obra começar com a chegada de um senhor na casa de um ex-jagunço. O livro, aliás, é a narração que esse ex-jagunço chamado Riobaldo faz a este senhor de sua própria história de vida. Longa história que será contada no decorrer de três dias de estadia deste senhor, como menciona o próprio personagem-narrador: “Depois, quinta de manhã cedo, o senhor querendo ir, então vai, mesmo me deixa sentindo sua falta. Mas, hoje ou amanhã, não. Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias!” (Rosa, 1994, p. 28).

Riobaldo é uma pessoa já entrada nos anos que por conta das diversas dificuldades tanto do sertão propriamente dito, quanto de sua vida em particular, uma vez que apesar de ser mais letrado do que a grande parte dos personagens, principalmente os jagunços, não pode viver uma vida de conforto e teve que se submeter às ordens de seus superiores, sendo, por sua disposição no mundo, orientado a construir sua vida e seus saberes à sua própria maneira. “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.” (Rosa, 1994, p. 588).

Em contraste, o senhor que ele conversa é apresentado na obra como um homem formalmente letrado, uma espécie de Doutor, cursado na academia, coisa que de certa maneira inveja muito Riobaldo, num bom sentido, pois ele comenta querer muito ter completado os estudos, ou seguido o caminho daquele homem que Riobaldo trata com um enorme respeito, sempre o reverenciando como Senhor, como é notável nesta passagem da obra: “O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto.” (Rosa, 1994, p. 28).

Ele figura como um homem que teve uma parte significativa da partilha sensível, ou seja, que pode ter as oportunidades necessárias para o seu estudo, para adquirir cargos, e mais importante, ter grande participação no comum.

Desse modo, é possível ver nessa relação entre o narrador e seu interlocutor uma caracterização de certas divisões desiguais das partes do sensível. É um monólogo que percorre todo o livro, estabelecido entre pessoas que não somente possuem uma participação diferente no espaço político, mas que dentro da lógica de pensamento de Rancière podem ser tidas como figuras opostas¹.

1. É certo que Riobaldo, no tempo da narração, é um homem com poses, pois herda as terras de seu pai biológico, Selorico Mendes. No que diz respeito à sua educação, apesar de não ter seguido seus estudos, ou seja, possuir “carta de doutor”, como seu interlocutor, também consegue conhecimento, mas em grande parte de forma empírica. Ou seja, poderíamos achar que são duas vivências que se equiparam na partilha do sensível, mas a verdade é que Riobaldo, principalmente no fim de sua vida, é uma grande exceção. Trata-se aqui de alguém que trilhou o caminho da jagunçagem, que raramente permite uma vida longa, próspera e refletida. Para Walnice Nogueira Galvão, “O protagonista de *Grande Sertão: Veredas* é um vivente de avatares, mostrando diferentes faces, conformes às etapas de sua vida” (GALVÃO, 2008, p. 241).

Com isso, se mostra naquele diálogo uma relação onde justamente aquele que viveu uma vida de excluído é quem tem voz, e o senhor que possui carta de doutor - que formalmente é habilitado para falar ou ensinar - é justamente aquele que cala e escuta, invertendo a norma que imperou durante quase toda a vida de jagunço de Riobaldo: a de ser aquele que escuta e obedece, se vertendo agora em voz ativa, aquele que conta.

O sertão, que apesar de possuir belas paisagens e certa abundância natural, tem como uma de suas grandes marcas a difícil vida sertaneja. É uma terra onde a maioria das pessoas apenas sobrevive. O princípio da falta faz com que cada elemento que signifique uma melhor perspectiva de vida seja sangrentamente disputado. Temos assim um ambiente que em grande parte é escasso, hostil e de uma pequena população, onde raramente se tem vizinhança:

7

Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade (Rosa, 1994, p. 3).

É também ali onde se vive a fixa e constante batalha dos jagunços com o governo e de ambos com o próprio sertão “Digo: bons e maus, uns pelos outros, como neste mundo se pertence. Por um que ruim seja, logo mais para adiante se encontra outro pior. E a situação nossa era de guerra. (Rosa, 1994, p. 224).

Zé Bebelo, aspirante a político que tenta acabar com a jagunçagem por meio da própria jagunçagem, mas que também se torna parte dela, e o bando de Joca Ramiro, líder máximo dos jagunços. Entre estas partes existe um constante conflito, pois o bando do governo de Zé Bebelo possui o grande objetivo de dominar o sertão “Zé Bebelo, sozinho por si, em outro sobrecalor de regimento, servisse para governar os arrancos do sertão?” (Rosa, 1994, p. 520-521). E os jagunços, que são figuras historicamente ambíguas, por parte da população também são vistos como heróis ou figuras que inspiram respeito. Acontece que outra parte da população é aversa às suas práticas, e os tem como criminosos. E não é à toa, pois, de fato, a jagunçagem comete uma série de crimes terríveis, invadindo casas, estuprando e saqueando. É uma moralidade ambígua. “O Hermógenes tinha seus defeitos, mas puxava por Joca Ramiro, fiel - punia e terçava” (Rosa, 1994, p. 247).

O que nos chama a atenção neste ponto é a imagem que se apresenta: existe uma oposição colocada por Guimarães Rosa, que talvez seja proposital, entre aqueles que tem que se conformar com a dura vida sertaneja, e aqueles que tendo uma vida de mais possibilidades que os demais, tentam defendê-la, ou seja, tentam fazer a manutenção de seu quinhão do sensível. A vida do jagunço, como menciona Walnice Nogueira Galvão, é marcada pela subalternia aos grandes fazendeiros e donos de terra, de forma que eram até mesmo em sua rebeldia instrumentalizados: “Livre, e por isso mesmo dependente. Sem ter nada de seu, e por isso mesmo servidor pessoal de quem tem. Inconsciente de seu destino, e por isso mesmo tendo seu destino totalmente determinado por outrem.” (Galvão, 1972, p. 41-42).

8

Mas quando se estabelece uma condição que privilegia uma determinada parte, cria-se, por outro lado, um sentimento de revolta. Isso ocorre pelo fato de não se ter as mínimas condições de vida decente. Aqueles que aderem a jagunçagem, no fim das contas, o fazem por não ter escolha, por já ter perdido as esperanças. “Sem causas a defender, e por isso mesmo usado para defender causas alheias” (Galvão, 1972, p. 41-42). Ser jagunço, em grande parte, é estar à deriva em uma espécie de liberdade que no fim das contas o torna disponível para os que mandam. “De certo nadas e noves – iam como o costume – sertanejos tão sofridos. Jagunço é homem já meio desistido por si...” (Rosa, 1994, p. 64).

Outro caso que também conversa com essa relação é um de Ricardão e Hermógenes, que fizeram parte do bando de Joca Ramiro e são chamados de “Os judas”. Foram eles os responsáveis pela morte do próprio Joca Ramiro, se tornando assim traidores do bando. Por um lado, Hermógenes era descrito como um membro muito calado, mas de coração puramente ruim. Riobaldo associava bastante sua figura ao diabo por conta de sua crueldade e falta de escrúpulos. “... O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o Capioto...” (Rosa, 1994, p. 60).

Ricardão, por sua vez, era uma pessoa gananciosa, que independente de tudo, fazia o que era necessário por dinheiro. Isso pode indicar duas coisas. Hermógenes é o nome dado a um personagem da obra *O Crátilo* de Platão. Na obra, Hermógenes afirma que as palavras são formadas por um

pacto entre as pessoas. O personagem é descrito como um homem que originalmente foi de uma família rica, mas que posteriormente foi privado de seus bens e possuía pouco conhecimento de filosofia.

O Hermógenes rosiano pode, nesse sentido, fazer uma referência ao dialogo platônico, pois sendo Hermógenes uma personificação do Mal em *Grande Sertão: Veredas*, isso pode acontecer devido ao seu pouco conhecimento do Bem. “O Hermógenes: mal sem razão...” (Rosa, 1994, p.777).

O Bem é a virtude maior na filosofia platônica, somente acessível pela filosofia, a qual o Hermógenes do *Crátilo* possui pouco conhecimento. Ademais, a obra platônica é justamente uma investigação sobre a linguagem, que é uma das principais temáticas de *Grande Sertão: Veredas*. É possível que a privação de bens materiais atribuída ao Hermógenes platônico tenha sido assumida pelo personagem Ricardão, um dos judas, tendo em vista que ele é movido pela ganância e a ânsia de terminar a vida rico. Os judas, pois, formam duas características marcantes do personagem platônico, de lado, a pura maldade oriunda da falta de conhecimento do Bem, de outro, a ganância oriunda da privação dos bens.

Guimarães Rosa transpôs essas características, que faziam parte unicamente do Hermógenes de Platão, para os dois personagens. A questão da maldade e da ganância, que pertenciam ao personagem platônico, agora, em *Grande Sertão: Veredas*, pertencem a dois personagens.

Esse movimento separação ou divisão, não obstante, pode ser visto como mistura, oriunda do próprio caráter ambíguo da jagunçagem. Não existiria ali, apesar de seus atos de enorme injustiça, simplesmente uma maldade inerente, mas uma das faces de sua ambiguidade. Os jagunços saqueiam justamente por que já nasceram, por assim dizer, saqueados, uma vez que a partilha desigual do sensível tira de quem recebe o menor quinhão justamente aquilo que lhe era para ser seu por direito, mas, por outro lado, os jagunços também cometem crimes horrendos de todas as espécies: “Estas considerações sobre o poder recíproco da terra e do homem nos levam à ideia de que em *Grande sertão: veredas* há uma espécie de grande princípio geral de reversibilidade, dando-lhe um caráter fluido e uma misteriosa eficácia” (Candido, 2012, p. 124).

Os oficiais do governo, por sua vez, lutam para acabar com a jagunçagem. “Do povo morador, não faltava quem, desconfiando de nós, mandasse a eles envio de denúncia, pois todos queriam aproveitar a ocasião para se acabar com os jagunços, para sempre” (ROSA, 1994, p. 206). Essa outra face da moeda talvez passe a impressão de que existe uma luta por espaço com os jagunços. Mas dado esse caráter ambíguo da jagunçagem, a luta do governo não é exatamente para conquistar, mas para o que Rancière conceitua como policiar:

Proponho chamá-lo de polícia, ampliando portanto o sentido habitual dessa noção, dando-lhe também um sentido neutro, não pejorativo, ao considerar noções de vigilância e de repressão habitualmente associadas a essa palavra como formas particulares de uma origem muito mais geral que é a distribuição sensível dos corpos em comunidade (Rancière, 1996. p. 372).

Na comunidade não se pensa em uma redistribuição, aliás, longe disso. A ideia de um policiamento é a de manter a desigualdade da divisão, de policiar os deslocamentos e de proteger as maiores fatias, da mesma maneira que a polícia na sociedade moderna, por vezes, não opera necessariamente pelo bem comum, mas para proteção do estado e tudo que o mantém. Se retomarmos a ideia de “inútil utilizado” mencionada anteriormente (Galvão, 1972), é possível ter uma leitura justamente do policiamento de Rancière, pois a instrumentalização dos jagunços os mantém na mesma posição de jagunços, ou seja, é um movimento de manutenção. O jagunço não soa como uma ameaça aos grandes, mas, pelo contrário, por vezes serve como um agente da própria manutenção da partilha do sensível.

O caráter de policiar, nesse sentido, é o de estatizar, manter os estados. O curioso é perceber aqui que a moralidade do policiamento, por mais que de forma mais velada, ou pelo menos de maneira não tão radical, é tão ambígua quanto a dos jagunços.

Existe também uma questão intrigante que envolve os nomes dos personagens de *Grande Sertão: Veredas*, pois alguns dos personagens principais da obra possuem além de seus próprios nomes, algumas outras maneiras de serem referidos pelo autor, mas pelo lugar que ocupam no sertão tematizado a partir do ponto de vista da partilha do sensível de Rancière.

Peguem os exemplos de Riobaldo e do próprio Zé Bebelo². Seus nomes mudam a partir do momento em que ocupam novas funções, adquirem novas habilidades e desempenham determinados papéis dentro do enredo. “O que importa no momento é assinalar que o personagem, ao privilegiar um dos nomes que usa, procura dar realce a um dos aspectos de seu complexo funcional na ação, o de chefe, consciente de que esses aspectos coexistem dentro de si, são simultâneos e não sucessivos” (Machado, 2013, p.46).

É como se o nome designasse as diferentes pessoas que os personagens vão se tornando. Riobaldo já foi “o chefe Urutu-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo” (Rosa, 1994, p. 781). Ele é denominado desta maneira como um ex-jagunço, agora fazendeiro, que goza da vida calma de sua entrada nos anos. Mas quando jagunço, pela boa mira que tinha, recebeu o nome de Tatarana, que é uma espécie de lagarto muito arisca que faz parte da fauna sertaneja. Mas quando se torna líder do grupo de Joca Ramiro, já quando o livro se encaminha para seu fim, ganha o nome de Urutú branco³, que é uma serpente, sendo batizado pelo próprio Zé Bebelo, que por sua vez, transitou algumas vezes entre ser aquele que comanda as tropas de soldados do governo e ser parte e até mesmo líder do bando de jagunços. Acontece que Zé Bebelo é seu nome de jagunço, mas que seu nome verdadeiro era José Rebelo Adro Antunes. “causa que, de nome, em verdade, era José Rebelo Adro Antunes” (Rosa, 1994, p. 177).

Vale a pena analisar o caso onde Zé Bebelo e Riobaldo foram surpreendidos por um cerco da polícia do governo. Naquela altura, Zé Bebelo, apesar de ainda estar comandando o bando de jagunços, ainda possuía certa influência sobre as tropas do governo. Tendo isso como base, ele tem a ideia de enviar uma carta que seria ditada e escrita por Riobaldo. Acontece que apesar da situação crítica, Riobaldo se irrita com seu companheiro por conta de Zé Bebelo ter assinado a carta com seu nome de batismo. É como se para Riobaldo esse ato fosse uma traição.

2. A respeito do nome Zé Bebelo, há uma interpretação que afirma que seu nome é um anagrama de “Belzeb(o)”, nome associado ao demônio, e indicando seu lado traçoeiro, dentre outras características associadas ao diabo. A observação é atribuída ao psicanalista Alduísio Moreira de Souza.

3. É o nome assumido por Riobaldo quando passa a ser chefe dos jagunços. O termo “urutu” remete à serpente peçonhenta, que se relaciona com os perigos do sertão, mas também representa a coragem que não possui, mas é adquirida no decorrer de sua vida, principalmente através das transformações que passa, a exemplo do trecho da travessia do São Francisco com Diadorim e o evento do suposto pacto com o diabo, onde adquire a coragem da fala. O nome, assim, acompanha a transformação de Riobaldo e a nova posição de poder que assume entre os jagunços.

Interpretamos que esta traição, na ótica do discurso, consistiria no fato de ele ser obrigado a escrever, necessitando, portanto, do auxílio do que era constituído, legal, estabelecido, isto é, do sistema língua, e por isso seria traição. Em dado momento, Tatarana chega a escrever a palavra traição, mas risca-a imediatamente (Castro, 1976, p. 57).

Zé Bebelo, assinando como o governo lhe conhece, se torna justamente essa versão, uma pessoa que participa de outro quinhão do sensível. Isso é bastante grave quando estamos falando de alguém que faz parte justamente de um movimento de quebra com a partilha, que é a jagunçagem. Se torna, por mais que por um breve momento um outro, aliás, justamente um outro que a pouco tempo lutava contra os próprios jagunços. No fim das contas, é como se por um tempo Zé Bebelo traísse o caráter dissensual da jagunçagem em nome do consenso.

Em todos esses casos que buscamos relacionar com o pensamento de Rancière, vemos que Guimarães Rosa trabalha a temática do excluído, e tematiza o sertão como um ambiente completamente agônico. Talvez possamos ver nesse formato a mesma base pela qual Rancière parte para discutir uma política/estética, tendo uma visão do mundo político na qual a sociedade opera como uma partilha desigual de espaço, seja em termos de corpo, de bens materiais, ou simplesmente da voz das diferentes maneiras de ser que habitam e disputam politicamente no espaço.

2. O sensível da partilha: o dissenso e a figura do excluído no grande sertão

12

Notamos que a partilha do sensível em *Grande Sertão: Veredas* envolve uma distribuição desigual nos mandos do sertão. Ali existe uma base que assim como no pensamento de Rancière, demonstra uma divisão desbalanceada dos quinhões da partilha do sensível:

É isso que chamo de dissenso. Não um conflito de pontos de vista, nem mesmo um conflito por reconhecimento, mas um conflito sobre a constituição mesma do mundo comum, sobre o que nele se vê e se ouve, sobre os títulos daqueles que falam para ser ouvidos e sobre a visibilidade dos objetos que nele são designados (Rancière, 1996, p. 372).

Note-se que o pensamento a respeito de dissenso de Rancière não se limita ao debate de simples pontos de vista, mas trata de motivos que levam um ou outro a serem ouvidos, ou dos motivos de vozes serem caladas e da visibilidade de determinados objetos. Tomando a profundidade do termo, podemos dizer que Guimarães Rosa rompe o consenso, e isso ocorre de modo geral quando inverte certas relações entre personagens de sua obra, e dá visibilidade e principalmente voz a figuras como os jagunços, loucos e miseráveis, expressa reversibilidade presente no sertão rosiano notada anteriormente por Antonio Candido em citação (Candido, 2012).

Os personagens de Guimarães Rosa, em sua maioria, são seres que vivem à margem da sociedade, que são privados de alguma maneira dos saberes, dos mandos, das riquezas e de posições onde possuam opinião, como os loucos, que possuem aparições em outras obras de Guimarães Rosa, como na obra *Primeiras estórias*, onde conforme Klein, “é preciso reconhecer na figura do louco uma ambivalência de certo modo constitucional: ele é ao mesmo tempo estúpido e sábio, escravo de seus instintos e espectador de sua própria conduta” (Klein, 1998, p. 420). Também as crianças, os jagunços, e os enfermos. É algo bastante presente não somente em *Grande Sertão: Veredas*, mas também em sua diversidade de contos. Para Rónai “intocados pela civilização, guiados pelo instinto, inadaptados ou ainda não integrados na sociedade ou rejeitados por ela, pouco se lhes dá do real e da ordem” (Rónai, 2001, p. 25).

13

Outra camada de *Grande Sertão: Veredas* que toma esse caráter é o sertão, que é o local geográfico onde ocorre a obra, mas que possui características que vão além de sua materialidade, atingindo um status quase puramente linguístico, pois a palavras propriamente ditas tem mais protagonismo do que a realidade mesma do sertão, ou melhor dizendo, o nosso acesso ao conteúdo do que se entende por real dentro de *Grande Sertão: Veredas*, corresponde mais a um filtro, tanto da linguagem poética de Guimarães Rosa, quanto do modo como Riobaldo conta sua vida.

Estamos mais próximos disso do que de uma descrição fidedigna do sertão. Isso ocorre por conta de que o que Guimarães Rosa descreve ali não são diretamente os acontecimentos do enredo da obra, mas a narração de Riobaldo, trazendo uma camada linguística a mais, e com essa, um caráter ambíguo para cada passagem da obra, justamente por que aquele real passa ainda pelo filtro do sujeito Riobaldo, que conta sua a vida da forma que bem entende “Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir” (Rosa, 1994, p. 132).

Esses elementos nos servem aqui de dois modos. Por um lado, se trata de mostrar que o conteúdo da obra é sempre ornado de ambiguidade, a de não se saber ao certo justamente o que é o sertão, da mesma forma como o próprio protagonista não sabe quem ele é ou qual é a sua posição real no sertão. Por outro, para tomá-lo como um exemplo de como a obra é construída, pois essa presentificação da incerteza, como elemento marcante da obra é um caráter de

movimentação: quando nos damos conta o sertão já é outro, Riobaldo já é outro, e as condições já mudaram. “Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela” (Rosa, 1994, p. 532). O mundo magmático de Guimarães Rosa é um ambiente por si só discordante, é um sertão cuja dialética da existência é mutante. O processo de movimentação, de qualquer que seja seu ponto de partida, alia-se com o ato de dissenso, pois o ato de movimentar sempre suas camadas, mostra que essa obra rosiana possui em si mesma um caráter quase que naturalmente dissensual.

Temos diversas formas de exemplificar como Rosa quebra com a partilha do sensível da qual nos alerta Rancière, ou seja, como ele rompe com o consenso de lugares na comunidade e formas de ser, cujo caráter é quase estacionário e que marcam e constroem as relações de privilegiados, excluídos, marginalizados e calados na sociedade. “A divisão do sensível pertence à definição mesma da política como modelo específico da ação humana. O computo enquanto um modo dos que não são nada define uma comunidade que só pode ser uma comunidade no litígio” (Rancière, 1996. p. 371).

14

Podemos tratar, primeiramente, do mesmo exemplo explorado na sessão inicial. Temos, no caso do senhor, uma pessoa com teoricamente teve uma educação digna e possui titulação acadêmica, cuja vida, pelo que se compreende, não teve as mesmas dificuldades que a de Riobaldo.

Acontece que o curioso dessa relação entre o um excluído e um privilegiado, é que existe uma inversão. O leitor não ouve em momento algum a voz desse senhor, que naturalmente, seria aquele que tem direito de discursar, de participar mais efetivamente do debate, e que teria direito a voz ativa. Nessa inversão, é como se Rosa recuperasse a voz daqueles que a perderam, produzindo um movimento de dissenso a partir dessa dualidade invertida que ocorre entre Riobaldo e o senhor que visita sua casa. É através do dissenso, da ruptura das estruturas de divisão desigual do comum que se instaura a política propriamente dita pautada na igualdade. “A política, em última instância, repousa sobre o único princípio: a igualdade. Só que esse princípio só tem efeito por um desvio ou uma torção específica: o dissenso, ou seja, uma ruptura nas formas sensíveis da comunidade” (Rancière, 1996. p. 370).

Tomando uma visão geral, Guimaraes constrói não somente *Grande Sertão: Veredas*, mas toda sua obra fazendo com que desde a linguagem até mesmo à materialidade do sertão, nas pessoas e em sua topologia, apareçam em seu brilho. Não se trata de simplesmente dar palco ao povo sertanejo, mas a possibilidade de discuti-lo se justifica em sua própria existência, como menciona Rancière:

É o que resume a famosa frase de Flaubert segundo a qual Yvetot, pequena cidade normanda insignificante, equivale a Constantinopla. Não se trata aqui apenas de afirmar que o escritor pode encontrar seus assuntos em qualquer lugar e elevá-los da mesma maneira à dignidade da arte. Se a vida mais insignificante é digna de entrar na ficção, é na medida em que é capaz de se separar de si própria, de se ficcionalizar a si própria (Rancière, 2021a, p.20).

15

É justamente por assumir essa visão na construção de suas obras que Guimarães Rosa consegue se opor a partilha do sensível denunciada por Rancière. Se existe uma divisão desigual dos quinhões do sensível, Guimarães Rosa atua como alguém que os mistura. A ambiguidade, como grande marca de *Grande Sertão: Veredas* atua como um elemento em favor do dissenso, justamente por misturar elementos que antes somente eram vistos em separado.

Outro exemplo dessa mistura pode ser notado na passagem de Riobaldo pelo Liso do Suçuarão, que é descrito como um local desértico e sem recursos, representando diretamente a escassez do sertão. Acontece que na primeira passagem de Riobaldo, junto ao bando de Zé Bebelô, eles encontram muitas dificuldades: “Depois, de arte: que o Liso do Suçuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos” (Rosa, 1994, p. 40). Mas que numa segunda travessia, agora com Riobaldo sendo líder dos jagunços, some toda aquela falta de recursos e se coloca em seu lugar uma belíssima paisagem de grande cor e abundância. “O que era – que o raso não era tão terrível?” (Rosa, 1994, p. 728).

Parece que, nesse caso, misturam-se justamente as duas formas do sertão, a escassez e a abundância. Rancière menciona que “É a partir daí que podemos ver a maneira pela qual a obra de Guimarães Rosa se insere na problemática das Bordas da Ficção” (Rancière, 2021a, p. 21).

O conceito de bordas da ficção liga-se com a literatura rosiana justamente nessa mistura de elementos, por assim dizer, antagônicos, como a abundância e a escassez e a figura do jagunço e do doutor. Nesse contexto, Guimarães Rosa coloca sua literatura em fronteira com a vida comum, dando espaço a figuras que tanto na literatura quanto na própria cotidianidade são, por assim dizer, esquecidas. Podemos dizer que também é nesse ponto que Guimarães Rosa conversa com o conceito de partilha do sensível, pois as bordas da ficção não possuem a função de separar a literatura da vida comum, mas muito pelo contrário, é nesse jogo onde misturam-se elementos opostos que Guimarães Rosa desvela a ambiguidade do sertão, e a partir dela, o sertanejo em sua máxima potência:

A literatura reafirma a seu modo a capacidade de inventar que pertence a cada um, à louca que inventa sua cantiga, ao sertanejo que inventa suas histórias ou ao escritor que inventa as histórias deles. Os que dizem que a literatura do escritor é inútil porque a gente do sertão não a lerá querem dizer simplesmente que ninguém deve contar histórias, que todo mundo deve apenas acreditar no que há, *aderir ao que é*. A fé do escritor é a de que os sertanejos também parariam de contar histórias se ele parasse de contar as histórias deles. Essa fé, nenhuma enquete de sociologia da cultura poderá comprovar. É por isso que o escritor deve comprová-la por si mesmo, e só tem um jeito de fazer isso: escrevendo (Rancière, 2021b, p. 169).

Agora, tratando especificamente da figura de Diadorim, que primeiramente é conhecido como o Menino da famosa travessia, ele figura como uma dita neblina de Riobaldo “Em Diadorim, penso também - mas Diadorim é a minha neblina...” (Rosa, 1994, p. 27).

Nosso jagunço narrador, desde que conheceu Diadorim nas turvas águas do rio São Francisco, nutre por ele um estranho e conflituoso desejo que era “de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade.” (Rosa, 1994, p. 407), Diadorim é um menino de olhos verdes e grandes que esbanja feminilidade ao mesmo tempo em que demonstra a bruteza e a periculosidade de um homem jagunço. “Diadorim e Riobaldo se encontram pela primeira vez às margens do rio São Francisco, ambos meninos, em um momento cronológico mais afastado de toda a ação do romance” (Garbuglio, 1972, p. 25).

Diadorim representa, de certa maneira, um símbolo de uma renúncia, que talvez possamos intitular feminista, para viver sua liberdade e concretizar seus objetivos. Diadorim, na verdade é uma mulher, mas isso só se revela no final da obra, quando em sua morte Riobaldo descobre que se tratava de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, que ingressa na jagunçagem e também tem o objetivo de vingar a morte de seu pai, Joca Ramiro, que como mencionado anteriormente, é o grande líder do bando dos jagunços, morto pelo judas, Hermógenes e Ricardão. “Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins - que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (Rosa, 1994, p. 870). Temos, nesse sentido, uma mulher que tem por necessidade se travestir de homem para que assim seja aceita na participação de uma realidade, de um lugar.

17

Vale notar que o mundo foi apresentado a Riobaldo, futuro substituto de Joca Ramiro, justamente por Diadorim, uma mulher, que para a maioria das pessoas que conviveu seria uma pessoa inapta, tanto para assumir um posto de jagunço, mesmo sendo filha do líder, quanto para ter tamanha habilidade com armas. Diadorim possuía uma postura brava e hostil, comumente associada à masculinidade, principalmente no contexto no qual o romance se passa.

Riobaldo, o menino que saiu dos braços da mãe e nasceu para o ato de consciência, ao regressar da travessia do rio São Francisco, está modificado; não é mais o mesmo; já se completou o rito de passagem. Modifica-se por força do conhecimento recebido. (...) Além disso, o ritual iniciático se reveste de importância fundamental, quando se consagra pelo sangue espargido por Diadorim ao rasgar a coxa do mulato que os assedia. (...) aqui se estabelece o primeiro tabu. Ao mostrar o desejo de urinar, Diadorim obriga Riobaldo a fazê-lo longe das vistas. A proibição se abre para um dado novo, de natureza ética, que se acrescenta ao conjunto de novos elementos que possam fazer parte da nova existência de Riobaldo (Garbuglio, 1972, p. 67).

Poderíamos aqui discutir sobre uma série quase infinita de nuances que pairam sobre a figura de Diadorim. Aliás, sobre vários dos personagens, seja pelas significações de seus nomes, bem como reflexões pelas possíveis sobre simbologias oriundas de suas travessias de vida.

No caso de Diadorim ainda vale ressaltar certa metáfora possível em seu movimento de se imbricar em um lugar para realizar um desejo latente, mas que só pode se concretizar a partir de um rompimento com seu lugar estabelecido no mundo comum. Este se caracteriza como um movimento que põe em debate, antes de tudo, o lugar da mulher no mundo e no debate político. “Antes de ser um conflito de classes ou de partidos, a política é um conflito sobre a configuração do mundo sensível na qual podem aparecer atores e objetos desses conflitos” (Rancière, 1996. p. 373).

Diadorim teve que se deslocar, e isso acontece não somente por travestir-se de jagunço, mas pelo fato de abandonar seu caráter de mulher. Foi um processo de descorporificação. Tão espinhosa que é a caminhada daquele que ousa romper com o princípio da partilha, que no fim das contas custou a sua vida. Mas cumpriu sua sina, quando morreu, também mata o Hermógenes. E sua morte ocorre na mesma medida em que ressurge a mulher que sempre foi, no momento da descoberta de Riobaldo. Foi o renascimento através da morte, daquela que teve de se fazer de morta durante toda vida. “– Diadorim dizia. – Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados... E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava” (ROSA, 1994, p. 34). Ela, Maria Deadorina, não pode amar, não pode, aliás, das mais diversas maneiras, viver sua própria vida por conta de uma causa maior: saciar um desejo de vingança de seu próprio pai. “Os sujeitos políticos não existem como entidades estáveis. Existem como sujeitos em ato, como capacidades pontuais e locais de construir, em sua universalidade virtual aqueles mundos polêmicos que desfazem a ordem policial” (Rancière, 1996. p. 378).

Diadorim representa, assim como vários dos casos que vimos e outros que não citamos aqui, mas que estão contidos na obra, a figura de seres que são excluídos ou privados de boa parte da participação política do mundo comum, que é uma relação que acontece não somente em *Grande Sertão: Veredas*, mas em outras obras de Guimarães Rosa, como notamos, por exemplo, em *Primeiras estórias*. Esses personagens surgem não como coitados que não tiveram chance de comungar da partilha, mas como seres que subvertem seu caráter de exclusão, em um protagonismo que, por um lado,

mostra qualidades que equivalem e até mesmo superam as daqueles que tem privilégios, quanto também não escondem o lugar de onde partiram, as mazelas que viveram, e a luta desbalanceada que travaram. O excluído, em Guimarães Rosa tem caráter que subverte a ordem da partilha, promovendo e evidenciando o dissenso, movimento característico do que Rancière conceitua como política.

Considerações finais

De maneira geral, acreditamos que os exemplos aqui citados possam dar conta de exemplificar e servirem como base de discussão dos conceitos tanto de partilha do sensível quanto de dissenso do filósofo francês Jacques Rancière. Existe uma grande diversidade de temas possíveis de serem trabalhados em *Grande Sertão: Veredas*, que não foram aqui citados ou, no caso dos elementos que se presentificam neste artigo, não puderam ser devidamente aprofundados, mas a que abrem caminho para possíveis trabalho futuros.

Tivemos como base principal para a discussão os exemplos de Riobaldo e o senhor que para em sua casa, especificamente tratado na primeira parte deste escrito, bem como a análise da figura de Diadorim e dos jagunços, no decorrer do texto. Focamos em trazer para o debate a figura do excluído através desses exemplos de *Grande Sertão: Veredas*, tema este que foi discutido tendo como base o próprio caráter ambíguo do sertão de Guimarães Rosa, que através de sua reversibilidade, e proporcionou uma visada do sertão e do sertanejo em sua totalidade. Guimarães Rosa produz em seu livro uma inversão da partilha do sensível através desses movimentos que, como notamos no texto, se identifica como dissenso, de acordo com Rancière.

Também não deixamos de dialogar com as obras onde Rancière discute diretamente a produção de Guimarães Rosa, sendo elas *João Guimarães Rosa: a ficção a beira do nada* e *As Margens da Ficção*. Trouxemos, através desses textos, mesmo que de maneira breve, o que Rancière conceitua como as Bordas da Ficção, que como notado anteriormente, se relaciona diretamente com o trabalho de Guimarães Rosa exatamente no que diz respeito a partilha do sensível, e o modo como ele potencializa o existir do sertão e do sertanejo através de suas histórias:

Ser um habitante do sertão é saber que todo indivíduo é um pesquisador de sua própria vida, um ser habitado por palavras e ficções, um condutor de palavras e de ficções. O escritor do sertão é aquele que radicaliza essa função de guia das ficções criando formas narrativas e formas linguísticas que atravessem o território inteiro da língua para unir as invenções mais requintadas dos poetas ou as intuições mais puras dos místicos aos estribilhos ou provérbios da sabedoria dita popular (Rancière, 2021a, p. 23).

Para a produção deste artigo, foi necessário o desdobramento de temas que flutuam entre três áreas de conhecimento, a dizer, ciências sociais, filosofia e literatura, quanto estabelecer uma conversa entre autores que não são comumente associados, mas que possuem uma grande relação. Esperamos ter conseguido dar conta de cumprir os objetivos traçados por este artigo, fomentado uma discussão profunda a respeito desses autores tão importantes para a história e para a prática do pensamento filosófico, sociológico e literário.

***Nilo Lima Sampaio** é Mestrando em Filosofia na linha de pesquisa linguagem, conhecimento e mundo pela Universidade Federal do Piauí. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Piauí

Contato: nilolim4@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1937987083200997>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7203-1696>

Recebido em: 11/06/2025

Aprovado em: 23/09/2026

Editor de texto: Diego da Silva Guimarães Queiroz
Editora-Chefe Discente: Paola Marlen Chaves Gonçalves

Como citar este texto: SAMPAIO, Nilo Lima. A partilha do sertão: possibilidades entre as veredas de Guimarães Rosa e o pensamento de Jacques Rancière. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 0, e1229367, 2026.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: **Tese e antítese**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

CASTRO, Manuel Antônio de. **O homem provisório no grande ser-tão**: um estudo de grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Um vivente, seus avatares. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. **Mínima mímica**: ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **As formas do falso**: um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GARBUGLIO, José Carlos. **O mundo movente de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ática, p. 1972.

KLEIN, Robert. O Tema do Louco e a Ironia Humanista. In: KLEIN, Robert. **A Forma e o Inteligível**: Escritos sobre o Renascimento e a Arte Moderna. São Paulo: Edusp, 1998.

21

MACHADO, Ana Maria. **Recado do Nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PLATÃO. **O Crátilo**. São Paulo: Paulus, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. Desmedido momento. In: RANCIÈRE, Jacques. **As margens da ficção**. São Paulo: Editora 34, 2021b.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **João Guimarães Rosa**: a ficção à beira do nada. Belo Horizonte: Relicário, 2021a.

RANCIÈRE, Jacques. O Dissenso. In: NOVAES, Adauto. **A Crise da Razão**. São Paulo: Companhia das Letras: 1996.

RÓNAI, Paulo. Os Vastos Espaços. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**: o diabo na rua, no meio do redemoinho. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.